

Cinthia Freitas de Souza¹

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2026.v19.51170>

NAQUELE DOMINGO QUALQUER

Era domingo e tudo acontecia mais tarde lá em casa... e na casa de muitas outras famílias. A gente acordava tarde, tomava o café da manhã tarde, almoçava tarde... O almoço nunca saía antes das 14h no domingo, ao contrário dos outros dias, quando comíamos por volta do meio-dia. Mamãe cozinhava na cozinha sem pressa enquanto ouvia música.

Minha infância foi nos anos 1990, então ela pegava um pequeno rádio portátil e colocava em cima do armário azul. Mas deixava baixinho, porque papai tinha chegado do trabalho e ido direto para o quarto dormir. Ele era porteiro de um hotel e trabalhava à noite. Então saía de casa à noite e só chegava por volta das 07h do dia seguinte.

Depois de tomar o café da manhã, eu e minha irmã fomos para o quintal. A cidade era muito quente, e nossa casa (alugada) era pequena... aliás, apertada mesmo, e isso só aumentava o nosso calor. Então era mais fresco brincar no quintal.

Minha irmã começava a caminhar por lá, mexendo no cabelo que vivia solto, bagunçado e cheio de frizz. Eu ficava sentada debaixo da árvore riscando o chão de terra com gravetos. Quando ela se cansava de rodar pelo quintal, me chamava para brincar de alguma coisa. Eu me levantava, pegava uma pedra de areia e desenhava as casas da amarelinha na pequena parte encimentada que ficava abaixo da janela da sala.

Eu era boa nos jogos e costumava ganhar dela. Depois de duas rodadas perdendo para mim, ela se “cansava” de brincar e pedia para trocarmos a brincadeira. Nesse dia, sugeri o jogo de pedrinha. A gente jogava com cinco pedras de brita em cinco rodadas.

Mas antes que a gente tivesse chegado à terceira rodada, ouvi mamãe nos chamando para almoçar. Então esquecemos as pedrinhas no chão e fomos correndo para a cozinha. Lavamos as mãos na pia, subindo num banquinho, antes de irmos para a redonda mesa amarela com quatro cadeiras que ficava entre a cozinha e a sala separando os dois ambientes.

Era a oportunidade para outra brincadeira! Fingimos que estávamos agora no restaurante. A gente gostava de brincar disso, principalmente no domingo, porque a comida era mais caprichada. Na verdade, nunca tínhamos ido a um, mas eu via as pessoas na novela indo “comer fora” e achava bem chique a ideia de fazer as refeições em um lugar que não fosse a própria casa. Então minha irmã era agora uma amiga que eu encontrei no restaurante por acaso. A gente se aproximava da mesa, e eu dizia:

– Você por aqui, amiga!

¹ Mestra em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Brasil. E-mail: ccinthiafs@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6610-9568>.

– Que coincidência! – Minha irmã respondia.

Então trocávamos dois beijinhos, tocando bochecha com bochecha, como fazia o pessoal da novela sempre que se encontrava: muah, muah.

Enquanto mãe montava nossos pratos na cozinha, seguráramos o cardápio (que só a gente via) e íamos escolhendo nossa comida.

– O que você vai querer, amiga?

– Vou pedir arroz, feijão, macarrão, peito e batata frita. E você?

– Vou querer arroz, feijão, macarrão, coxa e batata frita.

Então mamãe chegava com os pratos e a batata frita vinha em outro separado. Ela falava:

– Não come a batata toda. Deixa pro seu pai que vai levantar daqui a pouco.

Ela falou sorridente, sentando-se com a gente, mas sem preparar um prato para ela.

Quando perguntou o que estávamos fazendo, entrou no jogo. Cumprimentou a gente com beijinhos na bochecha e levantou o dedo indicador para pedir uma bebida e ofereceu:

– Querem um refrigerante? Eu pago.

A gente sorriu tanto que nossos olhos viraram duas linhas escuras curvadas no rosto. Balançamos a cabeça afirmativamente. Ela voltou com dois copos cheios de guaraná.

Nesse momento, papai saiu do quarto com a cara amassada de quem havia acabado de acordar. Passou pela sala e foi direto para o banheiro em completo silêncio. Ao ver que ele tinha se levantado, mamãe aumentou um pouco o volume do rádio na cozinha e disse:

– Gosto desse restaurante, porque tem música boa. Dá até vontade de dançar.

– E pode dançar aqui? – Eu perguntei.

– Claro que pode!

Ela então me pegou pela mão, começou a me rodar perto da mesa e começamos a dançar. Minha irmã não quis, mas ficou nos assistindo com um sorriso. Papai saiu do banheiro sério e ficou parado na frente da porta ainda em silêncio. Quando vi seu rosto, fiquei sem graça, como se estivesse fazendo uma coisa errada e acabei me sentando. Mamãe falou para ele vir comer. Ele entrou na cozinha para se servir e saiu com o prato na mão. Não pegou batata frita. Quando vi que ele estava passando por nós, falei sorrindo:

– Papai, vem comer aqui no restaurante com a gente. Tem batata frita.

Mas ele saiu pela porta sem olhar para mim. Mamãe disse que ele estava com pressa. Precisaria ir mais cedo para o trabalho hoje, por isso não podia demorar. Mas a verdade é que ele nunca comia com a gente. Sempre fazia o prato e saía para o quintal.

– Parece que papai não gosta de ficar perto da gente...

– Não é isso, filhinha. É cansaço dele. Mas termina logo de comer – e entrou na cozinha para desligar o rádio.

Ao terminar, fui lavar meu prato. Para isso, subi no banquinho de novo. Minha irmã foi para o sofá e ligou a televisão. Passava o Domingo Legal. Mamãe finalmente foi almoçar, sentando-se no sofá com minha irmã. Papai entrou na cozinha e deixou o prato na pia para eu lavar. Pouco tempo depois, só ouvi um “já vou”. Era o que ele falava quando ia trabalhar. Foi a única coisa que disse para quebrar o silêncio que o seguia naquele domingo qualquer.

Agora, me lembrando desse dia – e de como meu pai era distante e calado –, não sei como ele conseguiu cuidar da gente sozinho quando minha mãe saiu de casa alguns anos depois.

Data de submissão: 18/12/2025

Data de aceite: 14/04/2026